
A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL: MOVIMENTOS INICIAIS DA FASE HEROICA

JESUIT EDUCATION IN BRAZIL: HEROIC PHASE STARTING MOVES

LA EDUCACIÓN JESUÍTICA EN BRASIL: MOVIMIENTOS INICIALES DE LA FASE HEROICA

MARTINS, Rodrigo Nóbrega
<http://orcid.org/0000-0001-8930-610X>
Associação Cultural Aldeia Encantada

RESUMO

O presente artigo pretende tecer considerações sobre os primeiríssimos movimentos escolares realizados em terras brasileiras. Traz à baila os trabalhos de Vicente Rijo, padre jesuíta que, tendo tido poucos sucesso ascensão na Companhia de Jesus em Portugal, veio ao Brasil junto ao padre Manuel da Nóbrega, integrando assim, o primeiro grupo de sacerdotes a desembarcar e professar no Brasil de forma contundente. Foi o padre Vicente Rijo, o primeiro mestre-escola de que se tem notícia no Brasil. Percorreu larga extensão do território brasileiro, ainda em formação, ensinando inicialmente a língua portuguesa ao lado da hermenêutica católica, enfrentando toda sorte de dificuldades e perigos, que foram desde seus problemas pessoais de saúde até o risco do canibalismo por parte de algumas tribos indígenas do Brasil.

PALAVRAS-CHAVES: história da educação, educação brasileira, Jesuítas no Brasil.

ABSTRACT

The present article intends to make considerations about the very first school movements realized in Brazilian lands. It brings to the fore the work of Vicente Rijo, a Jesuit priest who, having had few successes in the Society of Jesus in Portugal, came to Brazil with Father Manuel da Nóbrega, thus integrating the first group of priests to disembark and profess in Brazil Form. It was Fr Vicente Rijo, the first schoolteacher in Brazil. She went through a long stretch of Brazilian territory, still in formation, initially teaching the Portuguese language alongside Catholic hermeneutics, facing all sorts of difficulties and dangers, ranging from her personal health problems to the risk of cannibalism by some indigenous tribes of the Brazil.

KEYWORDS: history of education, Brazilian education, Jesuits in Brazil.

RESUMEN

El presente artículo pretende tejer consideraciones sobre los primeros movimientos escolares realizados en tierras brasileñas. Presenta los trabajos de Vicente Rijo, padre jesuíta que no tuvo sucesso en la Compañía de Jesus, Portugal, ha viajado ao Brasil junto com el padre Manuel da Nóbrega, integrando el primer grupo de sacerdotes a desembarcar y enseñar en Brasil de forma importante. Fue el padre Vicente Rijo, el primer maestro-escuela de que se tiene noticia en Brasil. Recorrió una amplia extensión del territorio brasileño, aún en formación, enseñando inicialmente la lengua portuguesa al lado de la hermenéutica católica, Enfrentando toda suerte de dificultades y peligros, que desde sus problemas personales de salud hasta el riesgo del canibalismo por parte de algunas tribus indígenas de Brasil.

PALABRAS CLAVES: historia de la educación, educación brasileña, Jesuitas en Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Não há como tecer uma maior compreensão sobre a história da educação brasileira sem antes periodizá-la, não no sentido da fragmentação, que tantas vezes, por minimalista e amiudada em demasia, embaça o entendimento global e prejudica a compreensão, mas no sentido de um melhor aparelhamento didático e uma mais apropriada organização no cotejo do assunto, haja vista a extensão do mesmo.

Neste mister, quando se adota a técnica da periodização, não há como não correr certo risco. Evidentemente, os tais períodos adentram-se mutuamente, sendo mesmo quase impossível uma delimitação de natureza linear e pontual, salvo em alguns casos particulares. Eis o risco de uma divisão menos justa em alguns pontos, haja vista que um eventual delineamento entre um período e outro se dá a partir do entendimento de que tal tendência tenha ganhado substância ao ponto de se oficializar como prática da maioria. Entretanto, ainda que alguma distorção com relação a outro autor ocorra, o resultado geral não altera a compreensão do que vai exposto e nem causa prejuízo ao estudo, especialmente porque não interfere no raciocínio.

Outra dificuldade que se verifica quando se toma um estudo desta feita é o das fontes histórico-documentais de pesquisa. Fontes de primeira mão são poucas porque nesse período, as pessoas que se dedicavam a escrever sobre educação eram os próprios jesuítas, seus alunos ou, mesmo que não o fossem, haviam sido influenciados por eles, o que inevitavelmente confere ao enredo certa parcialidade, entregando àquele que se propõe estudar o tema, uma carga maior de dificuldades.

Ademais, não existia, na época, uma literatura propriamente brasileira, porque as obras eram escritas por portugueses, editadas em Portugal e lidas, em sua grande maioria, por portugueses que habitavam na colônia ou mamelucos alfabetizados pelos jesuítas. Eis porque, quando se fala em educação brasileira no período colonial, torna-se delicado e quem escreve deve revestir-se ainda mais de cuidado e zelo, caso contrário corre grande risco de, sem que se aperceba, passar a visão dos próprios jesuítas sobre tal empreitada. O exposto tanto é verdade, que aqueles que já possuem algum conhecimento sobre o assunto certamente já perceberam que quando se trata de algum autor português falando sobre o trabalho jesuíta no Brasil, a obra tem ares épicos. Mas é comum, quando voltam-se os olhares para os autores brasileiros, que o estudo tenda a advogar e argumentar no sentido do muito propalado massacre cultural que se deu naquele período.

O exposto não pretende ser uma generalização. Obviamente outros autores adotam posição diversa da que adiante se mostra. Certos, contudo, estamos de que pequenas discrepâncias de natureza geralmente cronológica (e bem pequena) também não alterarão a compreensão geral dos fatos, dos quadros, das situações e ocorrências que compõem um assunto de fundamental importância a todos – *in strictu* – à classe docente.

Ainda sobre tal periodização, convém-nos sobremaneira a utilizada por Saviani (2008), sobretudo por um aspecto de salutar importância: a sobreposição que o autor faz dos períodos, que noutros tantos apontamentos aparecem matematicamente encadeados: o princípio de um corresponde ao fim do outro. Em Saviani (2008) os períodos não são encadeados, mas misturados cronologicamente. Há em cada período, princípio, auge e fim e os princípios e fins misturam-se. A história se dá dessa maneira. Determinada tendência necessita de alguns anos para se tornar um movimento digno de menção histórica, até que, adiante, dê seus últimos suspiros, mas sempre mesclada por outras tendências.

Noutro sentido, ainda que tão somente do ponto de vista teórico, como é o caso do Brasil, sabe-se quão importante se afigura a questão educacional para uma nação. Sobre tal, basta dizer que o progresso geral, os níveis de qualidade de vida e de desenvolvimento humano estão intimamente ligados à qualidade da educação ofertada aos cidadãos. Não são raros exemplos de nações que, tendo enfrentado situações de extrema precariedade social, dela saíram devido a substanciais investimentos na educação.

2. A COMPANHIA DE JESUS E OS JESUÍTAS

Desde a vinda de Pedro Álvares Cabral, a Coroa Portuguesa se preocupou em colonizar o Brasil, mas somente 30 anos depois da chegada cabralina teve início efetivamente a conquista territorial, com a implantação das capitanias hereditárias. A partir de 1549, quando é determinada a vinda de Tomé de Sousa, o primeiro governador geral, diretamente subordinado ao rei de Portugal, finalmente o Brasil começa a ser povoado de modo mais sistemático.

O primeiro período educacional brasileiro durou cerca de 210 anos se considerarmos seus registros formais. Iniciou-se justamente em 1549, com a chegada dos jesuítas em solo nacional. Tal período tem seu fim em 1759, quando o Marquês de Pombal os expulsa dos territórios da colônia. Eis o que se pretende estudar nos escritos que se seguem.

Para que se estabeleça uma compreensão clara sobre tal período, precisam-se deitar estudos – ainda que rudimentares e introdutórios - sobre a Companhia de Jesus (em latim: *Societas Iesu, S. J.*), que foi uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco *Íñigo López de Loyola*, que entraria para a história como Inácio de Loyola. A criação e o funcionamento da referida congregação foi aprovada pela bula papal *Regimini Militantis Ecclesiae* no ano de 1540. Eis porque muitos apontamentos afirmam que a fundação da congregação se deu em 1540.

A Companhia de Jesus foi criada com a finalidade de combater o movimento protestante proposto por Martinho Lutero. Empunhava como lema a inscrição latina “*Ad Majorem Dei Gloriam*”, que numa tradução aproximada quer dizer “tudo pela glória de Deus”. Tinham como prioridade a atividade missionária e a educação religiosa, chegando neste mister até as Índias e o extremo Oriente.

De estrutura rígida, caracterizada por uma metodologia estratificada, a congregação tinha como princípios fundantes a busca da perfeição humana por intermédio da palavra de Deus e a vontade dos homens; obediência absoluta e sem questionamentos aos superiores; disciplina severa e rígida; hierarquia baseada na estrutura militar. Premiação e destaque aos membros que demonstrassem maior capacidade mnemônica. Ao mesmo tempo, certa exclusão aos que apresentassem um perfil menos afeito ao que a congregação valorizava.

Em pouco tempo os jesuítas tiveram grande expansão nas primeiras décadas de sua formação, constatada pelo crescimento de seus membros. Em 1566, eles contavam com mil membros e, em 1606, esse número cresceu para treze mil.

Os jesuítas adentraram em Portugal por convite de D. João III. Na nação lusitana, os religiosos foram solicitados para trabalhar como missionários. Ali a congregação logo ganharia exacerbado prestígio; reforça tal afirmação o fato de que muitos jesuítas logo cedo se tornaram confessores de gente da nobreza, quando não do próprio rei, fato do qual é exemplo o próprio D. Sebastião. O crescimento da Companhia de Jesus em Portugal foi extraordinariamente rápido. Em 1542, foi fundado o Colégio de Jesus, em Coimbra, para formação dos membros mais novos da Ordem. Seguiu-se-lhe, em 1551, em Évora, o Colégio do Espírito Santo e, em 1553, a casa professa de S. Roque, centro das atividades apostólicas na capital.

Importante mencionar que a atividade pedagógica tradicional como se tem hoje, assim como o trabalho com o público em geral não faziam parte dos planos da Companhia de Jesus. Tanto assim, que durante muito tempo a ordem religiosa professou sem que houvesse nenhum documento de caráter didático ou pedagógico, embora houvesse toda uma vasta literatura teológica que era militarmente estudada por seus membros.

Seu escopo era religioso, e, precisamente, o combate ao movimento protestante que eclodia em toda a Europa. Suas atividades características e prioritárias eram a confissão, a pregação e a catequização. Atividades de natureza espiritual eram o principal expediente, as quais exerceram enorme influência no público geral, o que mostra grande poder de argumentação e convencimento na retórica, instrumentos importantes para que se consiga aceitação popular.

Constitui-se, portanto, equívoco admitir que Loyola e seu estado maior tivessem intenção pedagógica. Infere-se o supra posto a partir da carta que envia em 1546 para Diogo Laynez, Afonso Salmerón e Pierre Favre, jesuítas mandados a Trento como teólogos do Papa. Nesta carta, Loyola expõe os preceitos que devem seguir para ajudar as almas. As determinações disciplinares que dá aos três valem para todos os padres da Companhia como “*noster modus procedendi*” (nosso modo de proceder).

Embora o próprio Loyola fale em ‘ensinar as crianças, todo o conteúdo da carta tem um caráter religioso e não pedagógico. Indo além, Loyola afirma que o objetivo principal da viagem dos três é, depois de terem-se arranjado para viver juntos num lugar decente, pregar, confessar, dar lições públicas, ensinar as crianças, dar exemplo, visitar os pobres e exortar o próximo. Conforme seu talento, cada um deles deverá animar os que puder para a devoção e a prece. Como se pode inferir, não há nas exortações de Loyola nenhum caráter pedagógico-liberal, próprio da maioria das escolas na atualidade.

Mas, igualmente, é fato que o hábil fundador da congregação logo vislumbrou largas possibilidades de lutar contra os postulados luteranos agindo na formação dos jovens em conjunto com os governos.

Como haviam se colocado inteiramente a serviço da Igreja, compreenderam facilmente que seria através da educação, especialmente de lideranças, que poderiam ajudar a Igreja a reconquistar gradualmente grande parte dos países e nações que haviam aderido ou estavam aderindo às novas doutrinas (SCHIMITZ, Egídio, 1994, p. 129).

Neste ínterim, o primeiro colégio em que os jesuítas deram aulas públicas foi o de Santo Antão, em Lisboa, inaugurado em 1553. Em 1559, foi fundada a Universidade de Évora e, progressivamente, a atividade pedagógica dos jesuítas foi-se estendendo às principais cidades do País.

O fato é que a Companhia de Jesus recebeu a incumbência da educação do reino português. Assim sendo, também estaria responsável pela educação em suas diversas colônias e este estado de coisas fez com que os jesuítas aportassem em solo brasileiro.

3. OS JESUÍTAS NO BRASIL – O PERÍODO HEROICO

O período heroico da educação brasileira apresenta divergências no que tange a sua duração. Para Matos (1958) compreende-se de 1549 a 1570, interregno em que o padre Manuel da Nóbrega institui os primeiros trabalhos educacionais de forma mais consistente no solo colonial, por ser, ele mesmo, o provincial (chefe) da primeira missão jesuítica na América do Sul. Saviani (2008) entende que este período deveria ser estendido. Nos termos do próprio:

A primeira etapa corresponde ao chamado período heroico, que segundo Luiz Alves de Mattos (1958), abrange de 1549, quando chegaram os primeiros jesuítas, até a morte do padre Manuel da Nóbrega em 1570. Considero, entretanto, mais apropriado estender essa fase até o final do século XVI, quando ocorre a morte de Anchieta, em 1597, e a promulgação da Ratio Studiorum, em 1599 (SAVIANI, 2008, p. 31).

Sendo já um sacerdote de carreira, embora contando pouca idade, Nóbrega surpreendeu-se com o convite do rei dom João III, para que o mesmo viesse ao Brasil em missão oficial. O mesmo recebera a missão como quem recebe alta comenda. Mas se o próprio Nóbrega soubesse o que o aguardava nas terras de além-mar, deixaria de receber o apostolado com tanta deferência.

Mesmo porque, desde então, seria realmente parte do expediente da Coroa, enviar à colônia comitivas jovens e pouco importantes à metrópole, que fossem dotadas de homens de força física e espírito desbravador. Nóbrega e os demais que compunham a pequena comissão jesuítica reuniam tais qualidades. Ademais, não é necessário grande esforço para entender que os jesuítas de alto escalão e galhardia jamais viriam lidar com o gentio, submetendo-se a toda sorte de aventuras e riscos, desfalcando cargos importantes na metrópole.

Prova disso reside no fato de que os acompanhantes de Nóbrega ocupavam, em Portugal, funções subalternas, dadas àqueles que ‘desdouravam’ a Companhia de Jesus, famosa por seus doutrinadores e intelectuais. Junto a Nóbrega, que entraria para história como primeiro provincial da Companhia no Brasil, vieram homens que trabalhavam como auxiliares de cozinha, roupeiros e/ou faziam serviços de pomar, como rega e colheitas.

O próprio Vicente Rodrigues, outro jesuíta que também veio nesta missão, figura icônica na história da educação brasileira e a quem se dedica este tópico, não se dava com o latim, idioma que na época, era de fundamental importância para o curso acadêmico de humanidades, o qual, por isso, nunca chegou a completar, e, nessa condição, nunca esteve no núcleo elitizado do professorado jesuíta.

Outro elemento historicamente conhecido e de relevância para Portugal era o fato de que o Brasil vinha sendo saqueado por inúmeras excursões de outros países europeus. Estas buscavam produtos diversos que pudessem lhes aquecer a economia, assim como mão de obra escrava. No Brasil, tais produtos abundavam. Em resposta, aconteciam rebeliões indígenas, que se davam justamente contra tais investidas de pirataria.

Urgia, destarte, ao reinado lusitano uma tomada de providências. Neste sentido, a metodologia da Companhia de Jesus convinha perfeitamente aos interesses portugueses: obediência cega, rígida disciplina e organização quase militar eram elementos efetivos na domesticação do gentio e eficientes na defesa do território. Neste sentido, não parece muito verdadeira a justificativa dada por D. João III sobre as razões pelas quais ordenou o povoamento da nova terra:

... Porque a principal coisa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil foi para que a gente delas se convertesse a nossa santa fé católica, [...] de modo que os gentios possam ser doutrinados e ensinados nas coisas de nossa santa fé (DOM JOÃO III, 1992, p. 145 e 148).

Também não dão muitos créditos aos dizeres de D. João os postulados de Godinho (1968). Segundo este denodado autor, o movimento português em direção do povoamento de seus domínios se deu em razão da carência da sociedade portuguesa do século XV em termos de cereais, ouro, especiarias, mão de obra, alargamento da área de pesca, domínio dos mercados têxtil, aumento das receitas das casas senhoriais, entre outras.

Por ocasião do convite, Nóbrega contava 31 anos. Integrou-se na armada de Tomé de Sousa, desembarcando na Bahia em 29 de março de 1549. Comandava um grupo composto

por Leonardo Nunes, João de Azpilcueta Navarro, Antônio Pires e os irmãos jesuítas Vicente Rodrigues e Diogo Jácome. Numa demonstração épica de trabalho, o grupo pioneiro em terra brasileira iniciou no catolicismo as populações indígenas das capitanias do Nordeste, Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, e do Sudeste, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente.

Compete, portanto, a Nóbrega as primeiras organizações escolares em solo brasileiro. Dentro de 15 dias fundava-se a primeira escola, que ficou sob os cuidados do padre jesuíta Vicente Rodrigues, em localidade denominada “Arraial do Pereira”. Este arraial passa, mais tarde, a ser referenciado pelos registros da época como “cidade da Baía”. Ali, Vicente, aos 21 anos de idade, ministrava aulas de catecismo, língua portuguesa, esta compreendida entre leitura, escrita e os primeiros rudimentos da língua portuguesa. Neste mister, Vicente Rodrigues, de alcunha Vicente Rijo, e a quem a partir deste ponto nos referiremos como tal, constituiu-se o primeiro mestre-escola¹ em atividade no Brasil.

Neste período, contando com poucos recursos e praticamente nenhum auxílio da coroa, esboçaram-se várias iniciativas escolares devido ao trabalho dos padres-professores. É desse período que se tem um dos primeiros mapas não somente da região que habitavam, mas de boa parte do litoral brasileiro. As ilustrações, se não guardam precisão geográfica, são de inestimável valor histórico. Dão conta da região que vai da atual Salvador até Olinda.

Este primeiro movimento escolar ampliou-se em pouco tempo. Da liderança de Nóbrega e das atividades docentes de Rijo, nasceram alguns abrigos para menores ‘carentes’. As definições e os registros documentais de tal época, entretanto, são parcos e imprecisos. Destarte, acredita-se que as crianças carentes eram filhos de índios, que passavam significativa parte do tempo nestes abrigos. A informação, no entretanto, não tem nenhum caráter de segurança, haja vista o fato de que mesmo os padres não tinham como o saber.

A sala de aula marcava-se por extrema diversidade. Reuniam-se num mesmo ambiente, desde índios órfãos, menores abandonados, curumins recrutados nas aldeias próximas, filhos de bugres e índios coroados. Não são poucos os relatos nos quais se verifica o fato de que até os filhos da burguesia e da incipiente aristocracia local frequentava as aulas e as pregações de Nóbrega, não obstante sobre esta informação, pesarem controvérsias. De todo modo, não se pode considerar a presença de filhos da aristocracia local como um ponto pacífico nos diversos estudos sobre o assunto.

¹Professor primário que ministra aulas para diferentes alunos de diferentes graus numa mesma sala.

No processo de ensino e aprendizagem, a música era muito empregada, assim como se pode dizer que havia espaço para encenações, geralmente sobre fatos da vida de Jesus, dos apóstolos e dos santos da igreja “multiplicando seus recursos para atingir à inteligência das crianças e encontrar-lhes o caminho do coração” (AZEVEDO, 1943, p.290). Aliás, o teatro sempre ocupou um espaço preponderante na metodologia pedagógica da Companhia de Jesus aplicada no Brasil.

(...) os jesuítas não inventaram o ‘drama escolar’, mas o cultivaram num nível especialmente alto por um longo período de tempo, numa vasta rede de colégios quase ao redor do mundo. Envolveram-se com o drama, poucos anos depois de abrir o colégio de Messina. (O’MALLEY, 2004, p. 348)

Sobre o papel do teatro no Brasil e sua utilidade pedagógica, exsurtem de extrema valia as colocações de Leite:

Os motivos para estas exibições declamatórias ou cênicas eram diversos, conforme as circunstâncias: recebimento de personagens oficiais da Ordem (dos jesuítas) ou de fora dela, prelados e governadores, encerramento do ano escolar e distribuição de prêmios, festas dos oragos (sic!) ou padroeiros, recepção de relíquias insignes ou imagens valiosas. (LEITE, 1938, p. 603, vol. 2)

As experiências até então tinham sido levadas a termo. Não se pode, contudo, descartar o fato de que muitos índios eram arredios e resistentes ao processo proposto e iniciado pelos primeiros jesuítas. Registros bibliográficos dão conta de que muitos foram os índios e índias que se embrenharam mata adentro, escondendo-se da imposição cultural que se dava naquele momento. De toda forma, os trabalhos continuavam e Rijo, a eles se entregava com zelo. Muitas vezes, em sua atividade de professor, fazia-se necessária a presença de um intérprete, no que o padre João de Azpilcueta Navarro era destacado.

Apesar do sucesso desta primeira empreitada, da funcionalidade que já experimentavam nas instalações, dos avanços verificados no colégio, da fidelidade que cultivaram junto aos índios, da consistência e regularidade das aulas, que tinha como consequência a boa aprendizagem do gentio; do progresso geral no português, na música e na hermenêutica, já em julho de 1550, uma otite crônica, que Rijo trouxera da metrópole, o rigor das condições a que se submetera por conta da proposta de trabalho, das fortes dores de cabeça e regulares febres palustres que apresentava, o fizeram buscar uma região mais amena em relação àquela em que estavam estabelecidos. Era necessário estar bem de saúde para adiantar o apostolado. O lugar escolhido corresponde à atual cidade de Porto Seguro.

Por estes idos, outros lusitanos já haviam aportado em solo brasileiro. Foi o caso do Padre Francisco Pires², que juntamente com Rijo, iniciou os trabalhos escolares na supracitada cercania. A estada em Porto Seguro não foi um período menos insalubre para os jesuítas. Rijo e Pires ensinavam aos meninos as mesmas disciplinas ministradas no Arraial dos Pereira. Ali, contudo, lutavam contra a antropofagia, procurando mesmo ‘civilizar’ o índio mais agressivo. Neste espaço, consta que as atividades de Rijo alcançaram de tal forma importância junto às comunidades atendidas, que Nóbrega, em 1553, ao viajar para o Sul, não teve dúvidas em deixá-lo na Bahia, como superior-interino do colégio.

Malgrado não tivesse a formação cultural exigida pela Companhia de Jesus, característica, por sinal relevante na congregação inaciana, não se pode negar a abnegação e a excelência dos trabalhos realizados por Rijo no Arraial do Pereira e em Porto Seguro. Em decorrência de tais atividades, contrariando as políticas e diretrizes da Companhia de Jesus, Dom Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, concede a Vicente Rijo o grau de sacerdote da congregação inaciana.

Deve-se levar em conta que consta desta data – ano de 1553 – uma estruturação diferente nos trabalhos pedagógicos efetuados pelos jesuítas. Registra-se a criação de um externato dedicado à instrução da pequena aristocracia local – filhos de portugueses - que funcionava contiguamente às instalações destinadas às aulas para o gentio em geral ou o “negro da terra”, como os índios eram frequentemente referidos pelos europeus.

Ao passo que Rijo dedicava-se à atividade docente, Nóbrega incumbia-se da administração do roteiro pedagógico, que fluía por sua conta integralmente. É que nestes anos, a Companhia de Jesus ainda não havia publicado nenhum documento de orientação pedagógica, nenhuma ordem de estudos que pudesse servir de cartilha e roteiro aos jesuítas docentes. Desta forma, tanto os expedientes teórico-filosóficos, quanto os procedimentais ficavam a cargo do padre jesuíta superior do colégio. Tal fato, contudo, não traria grandes deformidades ao padrão escolar da Companhia de Jesus praticado mesmo fora da Europa. Nesse sentido, a congregação apresentava unidade. Tanto assim que...

Os padres jesuítas utilizaram uma pedagogia fundamentada nos seguintes elementos: bilinguismo (preferencialmente português e tupi); método de ensino mnemônico; catecismo com os principais dogmas cristãos; desmoralização dos mitos indígenas; e atividades lúdicas (música e teatro). (BITTAR e FERREIRA, 2005, p. 09).

² *Natural de Celorico da Beira, veio ao Brasil em 1550, foi reitor do colégio da Baía, e nessa cidade faleceu a 12 de janeiro de 1586. Deixou algumas cartas, que foram traduzidas em italiano e publicadas em Veneza.*

Já por estes idos, o plano de estudos elaborado por Nóbrega previa um ciclo primário, com o estudo das primeiras letras e do catecismo cristão. Dependendo de seus dotes naturais, os alunos aprendiam também canto orfeônico e instrumentos musicais. Terminado esse ciclo, a maior parte dos alunos se destinava ao aprendizado de ofícios mecânicos, e apenas os melhores passariam às aulas de gramática latina, correspondentes ao ensino colegial.

E, ainda, dentre estes, os melhores seriam mandados a Coimbra ou à Espanha com o fim de prosseguirem na carreira sacerdotal ou nos ensinos superiores. Daí saíram, por exemplo, Belchior de Pontes e Antônio Vieira. Estes, talvez, os maiores méritos do trabalho de Nóbrega: oferecer, já naquela época, uma opção profissionalizante para atender às carências da colônia, e um ensino democrático, colocando lado a lado índiozinhos nus e os filhos da aristocracia, promovendo-os segundo o critério único de seus méritos pessoais, sem distinção de classes sociais.

Por seu turno, Nóbrega empreendia longas viagens para o conhecimento da terra, o estabelecendo os primeiros contatos com o gentio, fundando, nos itinerários percorridos, alguns colégios ou abrigos. Estes últimos, de menores proporções, também eram chamados de reduções. Em 1551, a título de exemplo, são de grande importância duas missões realizadas pelo destacado jesuíta às terras litorâneas do atual Pernambuco. Os sucessos de tais empreitadas são muito propriamente relatados pelo padre Antônio Pires em duas cartas que foram remetidas aos padres do Colégio de Coimbra.

Com base na escola da Bahia, Nóbrega funda, em 1553, a Confraria dos Meninos de Jesus de São Vicente, e o colégio a ela associado. Tanto na Bahia quanto em São Vicente, Nóbrega, grande administrador, deu extrema atenção à necessidade de fortalecer materialmente essas instituições. Para isso, consegue doações, inclusive de terras, que permitiram seu funcionamento autônomo. O colégio de São Vicente chegou a ter 100 alunos, entre internos e externos, número expressivo para a época. Como era um número alto de alunos, o trabalho pedagógico pedia mais voluntários. Atendendo a tal mister, Nóbrega trouxe quatro órfãos de Lisboa para auxiliarem no trabalho de catequização. Pode-se dizer que ali o trabalho pedagógico alcançou grande êxito.

Em síntese, o Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente foi a instituição educacional que melhor se desenvolveu nesse fase pioneira da educação no Brasil e

serviu para pôr em evidência as ricas possibilidades do primitivo plano educacional esboçado por D. João III no Regimento de 1548. (MATTOS, 1958, p. 75)

Alguns deles chegaram a ser enviados ao Colégio de Coimbra para complementar seus estudos. Transferido para São Paulo em 1554, o Colégio de São Vicente foi a escola que melhor atendeu aos objetivos educacionais de D. João III.

Foi, particularmente nas excursões de 1553, quando o trabalho dos jesuítas estava sitiado em São Vicente, que Nóbrega visitou pela primeira vez o planalto de Piratininga em companhia do padre Manuel de Paiva. Procurava um bom lugar, de terra plana, água fácil e, sobretudo, ambiente pacífico para fundar a casa e escola principais dos Jesuítas.

Escolheu o topo da colina chamada Piratininga, localizada entre os rios Piratininga (também chamado Tamanduateí) e Anhangabaú, no futuro pátio do colégio. Era um local próximo da aldeia de Inhapambuçu, chefiada por Tibiriçá, importante líder indígena tupiniquim dos primórdios da colonização portuguesa do Brasil, que se tornou amigo dos Jesuítas e teve papel destacado nos eventos relacionados à fundação da vila de Piratininga, de acordo com os apontamentos de Bueno (1999) e Navarro (2013).

Tibiriçá fora convertido e batizado pelos jesuítas José de Anchieta e Leonardo Nunes. Seu nome de batismo cristão foi Martim Afonso, em homenagem ao fundador de São Vicente, Martim Afonso de Sousa, passando a se chamar, então, Martim Afonso Tibiriçá. Tibiriçá morreu em 25 de dezembro de 1562, como atesta Anchieta (1996) em sua carta enviada ao padre Diogo Laínes, devido a uma peste que assolou a aldeia. Seus restos mortais encontram-se na cripta da Catedral da Sé.

A primeira missa foi ali rezada por Nóbrega em 29 de agosto de 1553, fazendo cerca de 50 catecúmenos entregues à doutrinação do irmão Antônio Rodrigues. Na última semana de janeiro de 1554, Nóbrega voltou à colina de Piratininga. No dia 25 de janeiro, dia em que se comemora a conversão de Paulo ao cristianismo, celebrou uma missa no local e decidiu mudar o nome do colégio e casa dos jesuítas de "Piratininga" para "São Paulo". Por algum tempo ainda, a povoação foi conhecida e relacionada como "Vila de São Paulo de Piratininga".

Tibiriçá representava importante apoio para os jesuítas na conversão e catequização do gentio. Aprendeu o português com certa facilidade e se comunicava sem pudores tanto com os portugueses quando com as tribos brasileiras. Influenciava fortemente na assistência dos índios às aulas dos padres titulares das atividades docentes.

Devido à construção e estruturação do Colégio Jesuíta de São Paulo de Piratininga, aos imperativos populacionais daquela região, que demandavam esforços, Rijo viu-se compelido a partir para tal localidade. Foi, por sinal, neste aldeamento que o primeiro mestre-escola em atividade no Brasil fez os votos perpétuos da Companhia de Jesus, deixando, na ocasião, o único registro autografado de que se tem notícia.

Ocorre que a aliança entre Tibiriçá e os portugueses não era desejada nem bem vista por tribos como Guarulhos, Guaianás e Carijós, conforme relata Taunay (2003). Estas se uniram numa coligação e se rebelaram contra a aliança luso-indígena. Alguns destes índios eram familiares de Tibiriçá, outros haviam morado na aldeia dos padres e recebido a catequese, mas agora os renegavam. O fato vem justamente provar que o processo entre indígenas e jesuítas foi muito mais complexo e retalhado do que se pode verificar nos poucos registros que remanescem.

As tribos rebeldes desferiram o ataque na manhã de 9 de julho de 1562, dois anos após São Paulo ser elevada à condição de vila. O ataque ocorreu no local onde estava estabelecido o colégio dos jesuítas, onde hoje está o Pátio do Colégio. As investidas eram realizadas aos gritos de *jukaí karaíba* (morte aos portugueses). Os invasores estavam todos pintados e emplumados, de acordo com sua tradição militar.

Um dos fundadores da cidade da Bahia, em 1549; de S. Paulo, em 1554, Rijo ainda emprestou seu ânimo às questões bélicas que envolviam o território do atual Rio de Janeiro, em 1556. Contra franceses e tamoios e coopera com Estácio de Sá na fundação da futura capital do Brasil.

Quando a Vila de S. Paulo de Piratininga e o colégio dos jesuítas, em 1562, foram atacados pelos índios confederados, vindos de Santa Catarina e de Cananeia, do vale do Paraíba e do Rio de Janeiro, Vicente, que era, então, o superior daquele colégio, colaborou na defesa do lado de João Ramalho e do cacique Tibiriçá.

Ainda naquele mesmo ano, retorna à direção do educandário de São Paulo, donde é removido para o colégio da Bahia, em 1573. Nessa viagem, na noite de 28 de abril, com quatro missionários e os padres Anchieta e Luís da Grã, naufraga na costa do Espírito Santo, na altura da foz do rio Doce. Dali vai a pé com seus confrades até Vitória, onde permanece cinco meses e auxilia na construção da igreja de São Tiago, onde, mais tarde, em 1597, José de Anchieta seria sepultado.

Da Bahia, agora metrópole da colônia, onde estivera, de fins de 1573 até 1583, é removido para Porto-Seguro, por motivo de saúde e de velhice. Já era, avançado em anos, o único remanescente da comitiva do Padre Nóbrega. Seus últimos 15 anos viveu-os no Rio de Janeiro, trabalhando na cura das almas, na direção espiritual de seus irmãos de ordem e na administração do colégio. Septuagenário e com cinquenta e um anos de atividades docentes pelos principais pontos daquele Brasil em formação, Vicente Rijo, o primeiro mestre-escola, falecia no Rio de Janeiro, no dia 9 de junho de 1600, no Colégio da Companhia de Jesus.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode ser fácil ou mesmo cômodo analisar e dizer o que deveria ter sido feito ou evitado. Parece-nos um testemunho vazio tentar sentenciar agora um processo de muitíssimos vieses, que foi resultado de muitas forças sociais, políticas e econômicas e religiosas, e que se deu numa época bem diversa da atual. A chegada dos europeus e o processo colonial é constituído de várias histórias nas quais se podem observar marcas próprias que caracterizam a época em que foram construídas. Muitas consequências resistem até hoje. Estas devem ser levantadas, verificadas sob uma consciência que vise ao futuro: remodelar as deficiências para que estas se tornem eficientes e melhorar as eficiências para que estas se tornem excelências.

Embora diste sobremaneira das análises amiúde feitas nos manuais, livros, artigos, dissertações e teses, não se pode atribuir um caráter puramente negativo ou positivo ao processo de colonização portuguesa e ao trabalho dos jesuítas no território brasileiro. Ademais, o sincretismo cultural se daria, cedo ou tarde, fosse através da colonização portuguesa, da colonização que seria imposta por outra nação ou naturalmente, através da história. Embora não haja parâmetros para uma comparação, não é de se afastar a ideia de que hoje a manipulação cultural ocorra de forma muito mais aliciante e manipuladora do que naquela época. Manipulação esta, feita por brasileiros a brasileiros.

A crítica pura, como a exaltação isolada não são verdadeiras porque desconsideram a ponderação e o bom senso. Ignoram completamente o outro viés de análise. O trabalho jesuíta tem pontos positivos e negativos. Hoje, não se concorda com uma disciplina de natureza militar, uma obediência cega, uma submissão integral. Por outro lado, não se pode negar que seria muito bom ao povo brasileiro se as escolas e os estudantes da atualidade tivessem o nível de aprofundamento de nossos pioneiros educacionais; se o

currículo fosse fielmente cumprido como o era pelos padres jesuítas. Se os professores buscassem em si mesmos, os níveis de excelência que os padres jesuítas faziam.

Há muitas histórias dentro da história dos jesuítas no Brasil. O maior trabalho não está em criticar ou elogiar; valorizar ou depreciar o já instituído. Compreender e melhorar são as tarefas mais urgentes. O legado deixado é de inestimável importância no sentido de reforçar experiências de sucesso e retificar experiências equivocadas, mas de grande valor didático a todos que fazem a educação.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, J. D. **Minhas Cartas**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1996.
- AZEVEDO, F. D. **O Sentido da Educação Colonial**. In: A Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. **A gênese das instituições escolares no Brasil**: os jesuítas e as casas de bê-á-bá no século XVI. In: SAVIANI, D. et al (org.). Anais da V Jornada do Histedbr de Sorocaba. Campinas: HISTEDBR, 2005.
- BUENO, E. **Capitães do Brasil**: a saga dos primeiros colonizadores. Rio de Janeiro: Objetiva., 1999.
- GODINHO, V. M. **Ensaio II**: sobre História de Portugal. Lisboa: Sá da Costa, 1968.
- III, D. J. **Regimento de 1549**. In RIBEIRO, Darcy & MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (orgs.). **A fundação do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEITE, S. (J.). **História da Companhia de Jesus no Brasil. Edição Fac-Símile Comemorativa dos 500 anos da Descoberta do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- LOYOLA, S. J. . I. D. **Constituições da Companhia de Jesus**. Tradução de Joaquim Mendes Abranches. Lisboa: Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1975.
- MATTOS, L. A. D. **Primórdios da educação no Brasil**: o período heróico (1549-1570). Rio de Janeiro: Aurora, 1958.
- NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.
- O' MALLEY, J. W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.
- SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCHMITZ, E. **Os Jesuítas e a Educação**: a filosofia educacional da Companhia de Jesus. São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- TAUNAY, A. D. **São Paulo nos primeiros anos. São Paulo no século XVI**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- TOLEDO, R. P. D. **A Capital da Solidão**: Uma História de São Paulo das origens a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.